

Sem reações em hospital privatizado

Na Escola de Magistratura, a frequência é monitorada

• A única unidade de saúde pública do Rio a contar com um sistema de controle eletrônico, não só de ponto como de acesso a áreas restritas, é administrada pela iniciativa privada. No Hospital municipal Ronaldo Gazolla, em Acari, passar o crachá em máquinas eletrônicas virou rotina para médicos e profissionais administrativos. O sistema foi implantado em abril deste ano pela GPS Total, que ganhou uma licitação para gerir o hospital de Acari por cinco anos.

— Trata-se de um novo estilo de hospital. Atrasos e faltas por motivo justo podem ocorrer, mas os funcionários avisam e temos o controle disso. Em breve, esse controle passará a ser digital, com dedo e foto. Estamos nos preparando para isso — diz o diretor-executivo do grupo GPS, Milton Filho.

Nos cinco andares do Ronaldo Gazolla trabalham cerca de 1.200 pessoas, sendo 250 médicos. Mas as admissões continuam. O quadro de empregados da unidade chegará a 2.500, segundo Milton Filho. O hospital conta

hoje com oito salas de cirurgias e ambulatório com 18 especializações médicas para atender a 550 pacientes por dia. Para o ano que vem, a expectativa do hospital é de inaugurar a emergência, ampliando o atendimento para 1.500 pacientes por dia. O número de leitos, de 240, deverá chegar a 300.

Já na Escola da Magistratura do Rio (Emerj) o ponto eletrônico funciona há mais de oito anos. O desembargador Paulo Ventura, diretor da Emerj, diz que a frequência dos funcionários aumentou e que, com exceção dos professores, que têm carga horária diferenciada, até mesmo os juizes, quando estão fazendo um curso, têm a carga horária controlada:

— O ponto vale para todo mundo. Se o juiz faz um curso, ele é obrigado a ficar quatro horas lá, tem que marcar a entrada e a saída. A escola tem condições de controlar a frequência e assiduidade dele. Isso, a meu juízo, dá uma responsabilidade ao próprio funcionário. Ele é o senhor dele, diante da consciência dele, da hora que chega e da que sai.

Hipólito Pereira



EMPREGADOS DO HOSPITAL Ronaldo Gazolla passam pelas catracas que controlam a presença